

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O príncipe cobra

Era uma vez uma velha que vivia sozinha em uma cidade, desesperadamente pobre. Um dia ela descobriu que tinha apenas um punhado de farinha em casa e não tinha dinheiro para comprar mais e nem esperança de ganhar. Carregando sua pequena panela de latão, muito triste ela desceu ao rio para se banhar e obter um pouco de água, pensando depois em voltar para casa e fazer um bolo sem fermento com a farinha que lhe restava; e depois disso ela não sabia o que seria dela. Enquanto ela se banhava, ela deixou seu pote de latão na margem do rio coberto com um pano, para manter o interior bonito e limpo; mas quando ela saiu do rio e tirou o pano para encher o pote com água, ela viu dentro dele as dobras brilhantes de uma cobra mortal. Imediatamente ela enfiou o pano de novo na boca da panela e o segurou ali; e então ela disse para si mesma: 'Ah, boa morte! Eu te levarei para minha casa, e lá te sacudirei da minha panela e tu me morderás e eu morrerei, e então todos os meus problemas terminarão.' Com esses tristes pensamentos em mente, a pobre velha correu para casa, segurando seu pano cuidadosamente na boca da panela; e quando chegou em casa, fechou todas as portas e janelas, tirou o pano e virou a panela de cabeça para baixo sobre a lareira. Qual não foi sua surpresa ao descobrir que, em vez da cobra mortal que

ela esperava ver cair dela, caiu com um chocalho e um estrondo um magnífico colar de joias brilhantes!

Por alguns minutos ela mal conseguia pensar ou falar, mas ficou olhando; e então, com as mãos trêmulas, ela pegou o colar e, dobrando-o na ponta do véu, correu para o salão público de audiências do rei.

'Uma petição, ó rei!' ela disse. 'Uma petição para o teu ouvido particular apenas!' E quando sua oração foi atendida, e ela se viu sozinha com o rei, ela sacudiu o véu aos pés dele, e dele caiu em espirais brilhantes o esplêndido colar. Assim que o rei o viu, ficou maravilhado e encantado, e quanto mais o olhava, mais sentia que deveria possuí-lo imediatamente. Então ele deu à velha quinhentas moedas de prata por ele e colocou-o imediatamente no bolso. Ela foi embora cheia de felicidade; pois o dinheiro que o rei lhe dera era suficiente para mantê-la pelo resto de sua vida. Assim que pôde deixar seus negócios, o rei saiu apressado e mostrou à esposa seu prêmio, com o que ela ficou tão satisfeita quanto ele, se não mais; e, assim que terminaram de admirar o maravilhoso colar, eles o trancaram no grande baú onde eram guardadas as joias da rainha, cuja chave estava sempre pendurada no pescoço do rei.

Pouco tempo depois, um rei vizinho enviou uma mensagem para dizer que uma linda menina havia nascido; e ele convidou seus vizinhos para um grande banquete em homenagem à ocasião. A rainha disse ao marido que é claro que eles deveriam estar presentes no banquete, e ela usaria o novo colar que ele lhe dera. Eles tiveram pouco tempo para se preparar para a

viagem e, no último momento, o rei foi até o baú de joias para tirar o colar para sua esposa usar, mas ele não viu nenhum colar, apenas, em seu lugar, um bebezinho gordinho cantando e gritando. O rei ficou tão surpreso que quase caiu para trás, mas logo recuperou a voz e chamou sua esposa tão alto que ela veio correndo, pensando que pelo menos o colar deveria ter sido roubado.

'Olhe aqui! olhe!' exclamou o rei, 'não sempre desejamos um filho? E agora o céu nos enviou um!'

'O que você quer dizer?' gritou a rainha. 'Você está louco?'

'Louco? não, espero que não', gritou o rei, dançando excitado em volta do baú aberto. 'Venha aqui e olhe! Veja o que temos em vez desse colar!'

Nesse momento, o bebê soltou um grande grito de alegria, como se quisesse pular e dançar com o rei; e a rainha deu um grito de surpresa, correu e olhou dentro do baú.

'Oh!' ela engasgou, enquanto olhava para o bebê, 'que querido! De onde ele poderia ter vindo?'

'Tenho certeza de que não posso dizer', disse o rei; 'tudo o que sei é que trancamos um colar no baú, e quando o destranquei agora há pouco não havia colar, mas um bebê, e o melhor bebê que já se viu.'

A essa altura, a rainha já tinha o bebê nos braços. 'Oh, o abençoado!' ela exclamou, 'o ornamento mais bonito para o seio de uma rainha do que qualquer colar já feito. Escreva', ela continuou, 'escreva para o nosso vizinho e diga que não podemos ir ao seu banquete, pois temos um banquete nosso e um bebê nosso! Oh dia feliz!'

Então a visita foi abandonada; e, em homenagem ao novo bebê, os sinos da cidade, seus canhões, suas trombetas e seu povo, pequeno e grande, quase não descansaram por uma semana; houve tal toque, estrondo, e bramido, e tantos fogos de artifício, e banquetes, e regozijo, e folia, como nunca tinha sido visto antes. Alguns anos se passaram; e, à medida que o menino do rei e a menina de seu vizinho cresciam e prosperavam, os dois reis combinaram que, assim que tivessem idade suficiente, deveriam se casar; e assim, com muitas assinaturas de papéis e acordos, e acenadas de cabeças sábias, e acariciando as barbas grisalhas, o pacto foi feito, assinado e selado, e aguardava seu cumprimento. E isso também aconteceu; pois, assim que o príncipe e a princesa completaram dezoito anos, os reis concordaram que era hora do casamento; e o jovem príncipe viajou



para o reino vizinho em busca de sua noiva, e lá se casou com ela com grande e renovado regozijo.

Agora, devo dizer-lhe que a velha que vendeu o colar ao rei foi chamada por ele para ser a babá do jovem príncipe; e embora ela amasse muito seu pupilo e fosse uma serva muito fiel, ela não podia deixar de falar um pouco, e então, aos poucos, começou a correr o boato de que havia alguma mágica sobre o nascimento

do jovem príncipe; e o boato, é claro, chegou no devido tempo aos ouvidos dos pais da princesa. Então, agora que ela seria a esposa do príncipe, sua mãe (que estava curiosa, como muitas outras pessoas) disse à filha na véspera da cerimônia:

'Lembre-se que a primeira coisa que você deve fazer é descobrir o que é essa história sobre o príncipe. E para fazer isso, você não deve dizer uma palavra a ele, seja o que for que ele diga, até que ele pergunte por que você está em silêncio; então você deve perguntar a ele qual é a verdade sobre seu nascimento mágico; e até que ele lhe diga, você não deve falar com ele novamente.'

E a princesa prometeu que seguiria o conselho da mãe. Portanto, quando eles se casaram e o príncipe falou com sua noiva, ela não respondeu. Ele não conseguia imaginar qual era o problema, mas mesmo sobre sua antiga casa ela não diria uma palavra. Por fim, ele perguntou por que ela não falava; e então ela disse:

'Conte-me o segredo do seu nascimento.'

Então o príncipe ficou muito triste e descontente e, embora ela o pressionasse muito, ele não lhe contava, mas sempre respondia:

'Se eu te contar, você vai se arrepender de ter me perguntado.'

Por vários meses eles viveram juntos; e não foi um momento tão feliz para nenhum dos dois quanto deveria ter sido, pois o segredo ainda era um segredo, e pairava entre eles como uma nuvem entre o sol e a terra, tornando o que deveria ser belo, monótono e triste.

Por fim, o príncipe não aguentou mais; então ele disse à sua esposa um dia: 'À meia-noite eu vou te contar meu

segredo se você ainda quiser; mas você se arrependerá por toda a sua vida.' No entanto, a princesa ficou muito feliz por ter conseguido e não deu atenção aos seus avisos.

Naquela noite, o príncipe ordenou que os cavalos estivessem prontos para a princesa e para ele um pouco antes da meia-noite. Ele a colocou em um e montou ele mesmo no outro, e eles cavalgaram juntos até o local onde a velha encontrou a cobra pela primeira vez em seu pote de latão. Aí o príncipe puxou as rédeas e disse tristemente: 'Você ainda insiste que eu deveria lhe contar meu segredo?' E a princesa respondeu 'Sim'. 'Se eu fizer', respondeu o príncipe, 'lembre-se de que você vai se arrepender por toda a sua vida.' Mas a princesa apenas respondeu 'Diga-me!'

'Então,' disse o príncipe, 'saiba que eu sou o filho do rei de um país distante, mas por encantamento eu fui transformado em uma cobra.'

A palavra 'cobra' mal saiu de seus lábios quando ele desapareceu, e a princesa ouviu um farfalhar e viu uma ondulação na água; e no luar fraco ela viu uma cobra nadando no rio. Logo desapareceu e ela ficou sozinha. Em vão ela esperou com o coração palpitante que algo acontecesse e que o



príncipe voltasse para ela. Nada aconteceu e ninguém veio; apenas o vento lamentava por entre as árvores na margem do rio, e os pássaros noturnos gritavam, e um chacal uivava ao longe, e o rio corria negro e silencioso abaixo dela.

De manhã, eles a encontraram, chorando e desgredada, na margem do rio; mas nenhuma palavra eles poderiam compreender dela ou de qualquer pessoa sobre o destino de seu marido. A pedido dela, construíram na margem do rio uma casinha de pedra negra; e lá ela viveu de luto, com alguns servos e guardas para vigiá-la.

Muito, muito tempo se passou, e a princesa ainda vivia de luto por seu príncipe, e não via ninguém, e não se afastava de sua casa na margem do rio e do jardim que a cercava. Certa manhã, quando acordou, encontrou uma mancha de lama fresca no carpete. Ela mandou chamar os guardas, que vigiavam a casa dia e noite, e perguntou-lhes quem havia entrado em seu quarto enquanto ela dormia. Eles declararam que ninguém poderia ter entrado, pois mantinham uma vigilância tão cuidadosa que nem mesmo um pássaro poderia entrar sem seu conhecimento; mas nenhum deles poderia explicar a mancha de lama. Na manhã seguinte, novamente, a princesa encontrou outra mancha de lama molhada e questionou a todos com muito cuidado; mas ninguém poderia dizer como a lama chegou lá. Na terceira noite, a princesa decidiu ficar acordada e vigiar; e, com medo de adormecer, cortou o dedo com um canivete e esfregou sal no corte, para que a dor a impedisse de dormir. Então ela ficou acordada e à meia-noite ela viu uma cobra se contorcendo pelo chão com

um pouco de lama do rio em sua foz; e quando se aproximou da cama, ergueu a cabeça e deixou cair a cabeça enlameada nas cobertas. Ela estava muito assustada, mas tentou controlar o medo e gritou:

'Quem é você, e o que você faz aqui?'

E a cobra respondeu:

'Sou o príncipe, seu marido, e vim visitá-la.'

Então a princesa começou a chorar; e a cobra continuou:

'Ai de mim! eu não disse que se eu lhe contasse meu segredo, você se arrependeria? e você não se arrependeu?'

'Oh, de fato!' exclamou a pobre princesa, 'Eu me arrependi e me arrependerei por toda a minha vida! Não há nada que eu possa fazer?'

E a cobra respondeu:

'Sim, há uma coisa, se você se atrever a fazê-lo.'

'Apenas me diga,' disse a princesa, 'e eu farei qualquer coisa!'

'Então', respondeu a cobra, 'em uma certa noite você deve colocar uma grande tigela de leite e açúcar em cada um dos quatro cantos desta sala. Todas as cobras do rio sairão para beber o leite, e a que vier à frente será a rainha das cobras. Você deve ficar em seu caminho na porta e dizer: "Oh, Rainha das Cobras, Rainha das Cobras, devolva-me meu marido!" e talvez ela o faça. Mas se você estiver com medo e não o impedir, nunca mais me verá. E ele deslizou para longe.

Na noite em que a cobra lhe contou, a princesa pegou quatro grandes tigelas de leite e açúcar, colocou uma em cada canto da sala e ficou esperando na porta. À meia-noite houve um grande assobio e farfalhar na

direção do rio, e logo o chão parecia estar vivo com horríveis formas contorcidas de cobras, cujos olhos brilhavam e línguas bifurcadas tremiam enquanto se moviam na direção da casa da princesa. O mais importante entre eles era uma enorme e repulsiva criatura escamosa que liderava a terrível procissão. Os guardas ficaram tão apavorados que todos fugiram; mas a princesa ficou parada na porta, branca como a morte, e com as mãos entrelaçadas com força, com medo de gritar ou desmaiar e não cumprir sua parte. Quando eles se aproximaram e a viram no caminho, todas as cobras levantaram suas cabeças horríveis e balançaram-nas para frente e para trás, e olharam para ela com olhos redondos perversos, enquanto sua respiração parecia envenenar o próprio ar. Ainda assim, a princesa permaneceu firme e, quando a cobra líder estava a poucos metros dela, ela gritou: 'Oh, Rainha das Cobras, Rainha das Cobras, devolva-me meu marido!' Então, toda a multidão de cobras farfalhantes e contorcidas parecia sussurrar umas para as outras: 'O marido dela? marido dela?' Mas a rainha das cobras seguiu em frente até que sua cabeça estava quase no rosto da princesa, e seus olhinhos pareciam lançar fogo. E a princesa ainda estava parada na porta e não se moveu, mas gritou novamente: 'Oh, Rainha das Cobras, Rainha das Cobras, devolva meu marido!' Então a rainha das cobras respondeu: 'Amanhã você o terá - amanhã!' Quando ela ouviu essas palavras e soube que havia vencido, a princesa cambaleou para fora da porta, caiu na cama e desmaiou. Como em um sonho, ela viu que seu quarto estava cheio de cobras,

todas se acotovelando e brigando pelas tigelas de leite até terminar. E então eles foram embora.

Pela manhã, a princesa levantou-se cedo, tirou o vestido de luto que usara por cinco anos inteiros e vestiu roupas bonitas. E ela varreu e limpou a casa, e a adornou com guirlandas e buquês de flores doces e samambaias, e a preparou como se estivesse se preparando para seu casamento. E quando a noite caiu ela iluminou os bosques e jardins com lanternas, preparou uma mesa como para um banquete e acendeu em casa mil velas de cera. Então ela esperou pelo marido, sem saber em que forma ele apareceria. E à meia-noite veio do rio o príncipe, rindo, mas com lágrimas nos olhos; e ela correu para encontrá-lo e se jogou em seus braços, chorando e rindo também.

Então o príncipe voltou para casa; e no dia seguinte os dois voltaram ao palácio, e o velho rei chorou de alegria ao vê-los. E os sinos, por tanto tempo silenciosos, foram repicados novamente, e as armas disparando, e as trombetas soando, e houve novo banquete e regozijo. E a velha que havia sido ama do príncipe tornou-se babá dos filhos do príncipe – pelo menos ela foi chamada assim; embora ela fosse velha demais para fazer qualquer coisa por eles além de amá-los. No entanto, ela ainda pensava que era útil e sabia que era feliz. E felizes, de fato, foram o príncipe e a princesa, que no devido tempo se tornaram rei e rainha, e viveram e governaram longa e prósperamente.